

# A RETÓRICA DE PAULO FREIRE EM “A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER”

## THE RHETORIC OF PAULO FREIRE IN “THE IMPORTANCE OF THE ACT OF READING”

Gisele de Souza Gonçalves\*

Ivo José Dittrich\*\*

### Resumo

Este artigo aborda a retórica de Paulo Freire no texto “A importância do ato de ler”. Identifica e analisa, sob o olhar da Retórica, estratégias argumentativas constitutivas deste discurso (persuasivo), que favorecem a possível aceitação da tese defendida, especialmente a argumentação pelos “exemplos”, “ilustrações” e “modelos”. A hipótese é a de que são valorizados, na mesma ordem, o *logos*, o *pathos* e o *ethos*, que, respectiva, mas não exclusivamente, fundamentam a tese em apreço, sensibilizam para a sua aceitação e, ainda, contribuem para a credibilidade do orador. A análise retórica assim desenvolvida aponta que, predominantemente, o discurso de Paulo Freire é construído pela articulação entre essas estratégias argumentativas, estreitamente vinculadas ao papel social e histórico do orador e às circunstâncias em que é proferido e divulgado.

**Palavras-chave:** Retórica; Exemplos; Ilustrações; Modelos.

### INTRODUÇÃO

O brasileiro Paulo Freire pode ser considerado um filósofo revolucionário na educação. Suas ideias romperam os limites do país e repercutiram em vários lugares do mundo. Sua participação política e pedagógica foi, e ainda é, inspiração para muitos professores. O grande professor nascido no nordeste do Brasil tinha carisma, conhecimento e um discurso que atingia de maneira significativa seus ouvintes e leitores. Sua voz leve e calma oferecia serenidade

---

\* Graduada em Letras Português e Espanhol e mestranda no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu.

\*\* Doutor em Linguística, com pós-doutorado em retórica e argumentação. Professor e Pesquisador do Centro de Educação e Letras e do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu.

ao interlocutor. Sua escrita se mostra cheia de significados e de sensibilidade. No texto em análise – fruto da conferência de abertura num Congresso de educação –, Paulo Freire relata e sustenta como se deu a aquisição da leitura em sua vida, remetendo-se ao ambiente histórico, físico e social de sua infância, onde aprendeu a ler os sentidos do mundo e das palavras.

Considerando a relevância teórica e, portanto, a influência desse discurso no modo de conceber a relação entre a palavra e a experiência de mundo, o artigo analisa, sob o enfoque da Retórica, o texto “A importância do ato de ler”, objetivando identificar estratégias argumentativas utilizadas na defesa da sua tese principal: a de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2008, p. 13). O uso de “exemplos”, de “ilustrações” e de “modelos” parece despontar como estratégia argumentativa mais determinante para a aceitação do seu ponto de vista. Assim, analisar um dos discursos desse educador e entender quais são os argumentos que fundamentam e fazem brilhar a sua tese principal é motivador e relevante para compreender porque sua ideia continua viva e bem aceita no mundo acadêmico, ainda nos dias de hoje.

## **1 O ORADOR E O DISCURSO EM “A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER”**

Considerando a pertinência da cena enunciativa <sup>1</sup> em que transcorre o discurso, visto que nele interfere e produz efeitos de sentido e de persuasão, faz-se necessário contextualizar o momento histórico em que foi proferido e conhecer um pouco da vida pessoal e social do orador <sup>2</sup>, a fim de, também, situar o leitor para entender as considerações a que esta análise propõe. Paulo Freire proferiu seu discurso “A importância do ato de ler” em novembro de 1981, pouco mais de um ano depois de seu retorno ao Brasil, na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em Campinas, no estado de São Paulo. Esse discurso foi publicado em 1982, no livro **A importância do ato de ler: três**

---

<sup>1</sup> Compreende o momento, as razões, o público e o contexto (em geral) que torna o discurso uma prática social.

<sup>2</sup> A biografia do orador, no caso Paulo Freire, favorece a compreensão do discurso proferido, pois o discurso apresenta as impressões de seu autor em relação ao mundo da leitura a partir das experiências vividas na infância e na vida profissional.

**artigos que se completam.** Para situar o lugar social de onde fala o orador, vale retomar um pouco da vida de Paulo Freire, baseado no texto escrito por Lutgardes Costa Freire, publicado em **Paulo Freire: vida e obra**, e assim reconhecer aspectos de sua vivência presentes em seu texto, pois, muitas vezes, são aproveitados pelo orador como estratégia argumentativa.

Paulo Freire era o filho mais novo do casal Joaquim e Eltrudes, nascido em 19 de setembro de 1921, na capital de Pernambuco, Recife. Viveu também em Jaboatão, cidade próxima. Lá, perdeu o pai aos 13 anos, o que fez a família voltar para sua cidade natal. Foi então que sua mãe conseguiu adquirir uma bolsa de estudos para o filho no Colégio Oswaldo Cruz, onde Paulo Freire também foi professor aos 21 anos. Foi no mesmo colégio que ele conheceu sua primeira esposa, Elza. Casaram-se em 1944 e tiveram cinco filhos. Ela o convenceu a seguir o caminho da docência, considerando que Paulo Freire tentou advogar, mas desistiu na primeira causa e, junto à esposa, empenhou-se no trabalho com alfabetização de adultos. Elza sempre o acompanhou, até mesmo no exílio. Ela morreu em 1986.

Sua experiência com adultos analfabetos mostrou ótimos resultados, o que fez o governo de João Goulart (1961-1964) interessar-se pelo Método Paulo Freire<sup>3</sup> e incentivar a formação de educadores para a concretização de reformas de base no país. No entanto, o golpe militar de 1964 considerou Paulo Freire um traidor, o que lhe proporcionou a prisão de 72 dias e o exílio na Bolívia. Após 15 dias de sua chegada em La Paz, aquele país também sofreu um golpe, o que ocasionou sua saída para o Chile. Ali, começa a trabalhar em função de movimentos sociais durante cinco anos. Em 1969, é convidado pela Universidade de Harvard para ser professor visitante. Depois de morar um ano nos Estados Unidos, vai para a Suíça, Guiné-Bissau e Moçambique, sempre atuando na educação e acompanhado de sua família.

O governo brasileiro declarou Anistia em 1979 e, no ano seguinte, Paulo Freire retornou ao Brasil. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores em São

---

<sup>3</sup> O Método Paulo Freire foi desenvolvido por Paulo Freire em 1962 e consiste numa proposta de educação para adultos sem o uso de cartilhas, as quais, segundo o autor, apresentam uma forma tradicional de aprendizado, cujas motivações se afastam da realidade (do mundo) dos educandos.

Paulo e foi secretário da educação da capital paulista até 1989. Em 1988, já viúvo, casou-se com Ana Maria Araújo e, em 1997, morreu em São Paulo, vítima de ataque cardíaco. Vale dizer que a trajetória de Paulo Freire é um exemplo de determinação a uma causa: a educação como prática política que procura libertar, por meio da alfabetização, os menos favorecidos social e economicamente. Sua capacidade intelectual uniu-se ao jeito amável e à criticidade política, o que fez dele um pensador renomado, reconhecido em vários países e admirado pelos educadores brasileiros, especialmente na área de alfabetização de jovens e adultos.

É importante saber que o contexto histórico e social em que Paulo Freire profere seu discurso, o final de 1981, representa um ambiente um pouco mais seguro politicamente <sup>4</sup>: suas ideias já puderam ser expressas com maior liberdade, sobretudo porque o educador já era reconhecido pelo seu trabalho no exterior e se tornara referência na educação de adultos. Atualmente, “A importância do ato de ler” é o primeiro capítulo de um livro e convida o leitor a adentrar na leitura agradável e crítica dos dois outros artigos que estão presentes na obra, também de sua autoria.

Vale lembrar que o discurso - objeto deste artigo – é proferido ao final de um Congresso sobre Educação e Leitura, num momento em que o educador retorna ao seu país, cujo governo militar o havia exilado. Talvez por isso mesmo, recém-chegado ao Brasil depois de mais de 15 anos fora do país, o texto mostra certo tom de nostalgia e familiaridade, ao mesmo tempo em que estas suas lembranças são habilmente exploradas como “exemplos”, “ilustrações” e “modelos” para subsidiar a importância do ato de ler, ideia compartilhada com seus ouvintes e leitores.

Assim, situar o leitor em relação à vida do orador <sup>5</sup> – autor do texto aqui analisado –, além do contexto em que ele é proferido e das determinantes

---

<sup>4</sup> Nesse período, o Brasil passa por um novo processo político, em decorrência da transição do regime militar para propostas mais democráticas que começaram a se delinear no país. Surgem vários partidos políticos em oposição à antiga ARENA (Aliança Renovadora Nacional), agora chamada de PSD (Partido Social Democrático). Dessa forma, aumentaram as possibilidades da mobilização popular, o que favoreceu a exposição das ideias de Paulo Freire.

<sup>5</sup> O termo orador, aqui, é entendido na interface com outras teorias do discurso: além de se referir àquele que profere ou elabora um discurso, também diz respeito ao lugar social e histórico de onde se fala e, portanto, a inscrição do orador nas determinantes históricas e

sociais e históricos que motivaram a produção do discurso, faz-se necessário para entender perspectiva do orador em relação ao tema apresentado, bem como as escolhas dos argumentos, além da organização do seu discurso, considerando o público a quem se dirige. Convém assinalar, todavia, que o objeto deste trabalho compreende apenas o texto escrito e publicado no livro já citado, o que restringe sobremaneira o universo de análise, considerando os recursos, as particularidades e, além disso, as restrições da produção escrita. Por considerá-las relevantes e predominantes na sustentação de sua tese, será dada ênfase ao uso de três estratégias argumentativas complementares e integradas: o exemplo, a ilustração e o modelo. Além disso, articulado com essas estratégias, serão abordados o “*ethos* prévio” e o “*ethos* discursivo” do orador, dada a sua relevância para a aceitação da tese pelo público leitor. Vale ressaltar, ainda, que a análise retórica pressupõe reconhecer o discurso como prática social, cujo acontecimento é processado na interação entre orador e auditório por meio da linguagem.

## 2 O DISCURSO PERSUASIVO: BREVE ABORDAGEM

A retórica clássica – aquela desenvolvida pelos gregos e ligeiramente ampliada pelos romanos –, retomada e atualizada pela nova Retórica – a que se desenvolve, principalmente a partir da obra clássica de Perelman e Tyteca [1958]<sup>6</sup> e de seus seguidores –, parte do princípio de que a arte da persuasão através do discurso implica, além da argumentação propriamente dita – o *logos* – e das emoções a serem despertadas no auditório – o *pathos* –, a imagem do orador, construída e reconstruída pelo público ao longo do discurso – o *ethos*. Da articulação entre estes três recursos discursivos resultaria a provável adesão do auditório às teses que se lhes apresenta. Na sequência, cada uma dessas estratégias será abordada brevemente, a fim de situar o leitor menos familiarizado com a teoria retórica.

---

epistemológicas que orientam suas ideias e respectivas fundamentações. No mesmo sentido deve ser entendido o auditório, como instância ativa, que interage com base em suas crenças, valores e demais determinantes históricas e sociais.

<sup>6</sup> Trata-se do livro *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, publicado originalmente em 1958 e traduzido em diversos idiomas. No Brasil, é publicado pela primeira vez em 1996.

Quando o orador já reúne algumas características positivamente avaliadas pelo ouvinte, conta com a vantagem deste seu *ethos* prévio – “imagem preexistente do locutor” (HADDAD, 2009, p. 145) – constituindo-se em atributos valorizadores que contribuirão para a aceitação de sua tese. Mas não é só isso que conta: ao desenvolver seu discurso a fim de defender sua tese, o orador também constitui seu *ethos* discursivo: “a imagem que ele constrói de si em seu discurso” (HADDAD, 2009, p. 145). Pode-se dizer, assim, que o *ethos* está vinculado à credibilidade, tratando-se “do caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança” (REBOUL, 1998, p.48).

Ao lado do *ethos*, outra estratégia retórica permeia o discurso persuasivo: o *pathos*, entendido como “o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso” (REBOUL, 1998, p.48). Dessa forma, podemos considerar que o *pathos* está ligado à sensibilização do auditório para as ideias que o discurso suscita naqueles que o ouvem ou leem. Trata-se de um recurso persuasivo explorado pelos oradores a fim de angariar e manter a atenção do auditório, além de despertar suas emoções no sentido da aceitação do que lhe está sendo apresentado.

Se os dois recursos – *ethos* e *pathos* – dizem respeito, grosso modo e respectivamente, à credibilidade do orador e à sensibilização do auditório, o *logos*, para usar as palavras de Reboul (1998, p.49), “diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso”. Compreende, portanto, o conjunto e a articulação dos argumentos que sustentam a tese em causa, tendo como fonte de apoio fatos, verdades ou presunções (PERELMAN; TYTECA, 1996). Teoricamente, a argumentação pelos “exemplos”, “ilustrações” e “modelos” aparece inscrita nas técnicas argumentativas, mais fortemente vinculadas ao *logos*. Todavia, ainda que a título de ensaio preliminar, aqui se pretende articular, em termos de predominância, o exemplo com o *logos*, a ilustração com o *pathos* e o modelo com o *ethos*, considerando que o primeiro fundamenta uma tese pelo caso particular, o segundo ilustra, concede

vivacidade, dá maior brilho a uma tese já estabelecida e o último – modelo – sugere a imitação de uma conduta (ética). Trata-se, portanto, de três estratégias argumentativas que se acentuam alternativa e diferenciadamente em diferentes discursos, possivelmente de acordo com a natureza mais ou menos racional que privilegiam ou, então, de acordo com as preferências de determinados oradores. Esta é uma questão que mereceria ser investigada, até porque a caracterização do exemplo, da ilustração e do modelo como argumentos, e, conseqüentemente, sua distinção, não se mostra claramente definida na teoria retórica. Convém, então, observar como alguns autores se pronunciam a esse respeito.

## **2.1 Exemplo, Ilustração e Modelo como estratégias argumentativas <sup>7</sup>**

Segundo Perelman e Tyteca (2005, p.407), “enquanto o exemplo deve ser incontestável, a ilustração, da qual não depende a adesão à regra, pode ser duvidosa, mas deve impressionar vivamente a imaginação para impor-se à atenção”. O “exemplo”, portanto, serviria metodologicamente para comprovar a tese que pretende defender com base no fundamento do caso particular – se um, dois, três ou mais exemplos apontam para um mesmo resultado, a generalização daí decorrente pode ser aceita como tese. A “ilustração”, por sua vez, serviria tão somente para iluminar, tornar mais clara e atraente a tese, como o próprio significado da palavra “ilustrar” presume: “esclarecer, elucidar, ornar com ilustração” (FERREIRA, 2008). Os mesmos autores ainda apontam que a ilustração “é verdadeiramente um caso particular, corrobora a regra, que até pode, como no provérbio, servir para enunciar”, ou seja, a ilustração serve como colaboração para a aceitação da tese, mas quem a fundamenta é o exemplo. Sendo a ilustração também uma estratégia para provocar a sensibilização do auditório, ela pode – e deve – afetar a quem é proposta, interferindo em suas emoções: “A verdade é que a ilustração é muitas vezes

---

<sup>7</sup> Estratégia pressupõe o uso planejado de recursos com vistas a atingir algum objetivo. Estratégia argumentativa (ou retórica) implica, portanto, o uso e a exploração de recursos discursivos no sentido de persuadir determinado auditório sobre uma ideia, crença, valor ou ação a ser aceita ou desencadeada.

escolhida pela repercussão afetiva que pode ter” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 410).

Reboul (1998, p.181-182) apresenta a questão nos seguintes termos: “o exemplo é o argumento que vai do fato à regra (...) e a ilustração é um exemplo que pode ser fictício e cuja função não é provar a regra, mas reforçar a adesão”. Pode-se entender, assim, que o “exemplo” serve como um argumento que explica uma regra e, dessa forma oferece, por meio de um conjunto de fatos, a fundamentação para a tese. Já a ilustração, que pode ser até mesmo uma ficção, dá vigor à tese, deixa-a mais esclarecida, reforçando, assim, os argumentos apresentados pelo orador. Isso ajuda a reforçar a ideia de que o exemplo está mais estreitamente vinculado ao *logos* e a ilustração, ao *pathos*.

Mesmo na argumentação jurídica, que se espera, – ou se pretende – mais determinadamente racional, o uso de exemplos e de ilustrações aparece contemplado. Para Rodríguez (2005, p. 153), o primeiro “serve para confirmar uma regra, [enquanto] o segundo é utilizado para fortalecer o tema apresentado”. O autor aponta, assim como os anteriores, que o exemplo é o argumento que fundamenta a tese e que a comprova, ao passo que a ilustração é uma “criação figurativa”, a qual não pretende confirmar a tese, mas esclarecer aquilo que já foi apresentado ao leitor:

o exemplo confirma uma regra, e por isso é submetido a condições de validade; já a ilustração tem outros atrativos (como ser didática, aumentar a presença de outros argumentos na mente do leitor, fazer pausa em discussão que se torna enfadonhamente temática, permitir a retomada após explicações paralelas ou mais aprofundadas etc.), mas não consegue confirmar nenhuma regra, pois não tem representatividade (RODRÍGUEZ, 2005, p. 171).

Articulado com o uso de “exemplos” e “ilustrações”, o discurso também pode apresentar o “modelo” (e o “antimodelo”) como estratégia argumentativa. Perelman (2005, p. 415) considera que o modelo “indica a conduta a seguir; serve também de caução a uma conduta adotada”, ou seja, ele serve de imitação e respaldo à pessoa que o usa. Para Reboul (1998, p.182) “o modelo é mais que exemplo, é um exemplo dado como algo digno de imitação”. O autor justifica sua posição esclarecendo que entende o “modelo” como um

argumento mais forte que o “exemplo”, por apresentar uma pessoa ou instituição que seja digna de ser imitada em virtude de seus atos.

Interessante observar que para Abreu (2009, p.60-61) “a argumentação pelo exemplo acontece quando sugerimos a imitação das ações de outras pessoas”, [e] “a argumentação pelo modelo é uma variação da argumentação pelo exemplo”. Comparado com os demais autores, parece uma abordagem bastante restritiva, ao não pressupor a característica fundamentadora e generalizadora do exemplo. O mesmo autor inscreve a ilustração nos “recursos de presença”, caracterizando-os como “procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. (ABREU, 2009, p.72), o que, apesar de reforçar o vínculo da ilustração com o *pathos*, afasta-a dos procedimentos propriamente argumentativos – aqueles que sustentam e reforçam determinada tese. Rodríguez (2005, p.169) adota posicionamento semelhante ao dizer que “as ilustrações têm o poder de aumentar a presença, [pois] quando argumentamos, selecionamos elementos da realidade que devemos fazer presentes à mente de interlocutor”.

Mesmo considerando diferenças mais ou menos pontuais entre os diferentes autores, pelo menos no que diz respeito ao exemplo e à ilustração, sobressai que o primeiro representa um argumento mais significativo no que se relaciona à construção da defesa de uma tese, enquanto a segunda compreende um recurso que pretende fortalecer a adesão, por servir, estratégica e didaticamente, para ilustrar a assimilação da tese. Quanto ao “modelo” – e ao “antimodelo”<sup>8</sup> – como estratégia argumentativa, parece estabelecido que tem apelo fortemente ético, tocando na moralização do ouvinte ou leitor, pois além de serem apresentados como maneiras de ser/fazer – ou de não ser/fazer – a serem – ou não – seguidas, revelam significativo potencial persuasivo porque, pelo menos o senso comum apoia a imitação de grandes personagens sociais e históricas como conduta a ser seguida”. No seu conjunto e na sua articulação, os três argumentos parecem favorecer a adesão

---

<sup>8</sup> Como contrapartida da argumentação pelo modelo, os autores apontam o “antimodelo”, ou seja, o apontamento de condutas que não se recomenda serem seguidas. Reboul (1998, p.183), por exemplo, diz que “o antimodelo indica, muitas vezes de modo fortemente emotivo, o que não se deve imitar”.

à tese na medida em que a sustentam no seu aspecto racional ou lógico – o exemplo –, no seu aspecto emotivo ou sensibilizador – a ilustração – e, ao mesmo tempo, na sua natureza ética – o modelo –, atribuindo credibilidade àquele que a apoia na fiança de uma conduta exemplar.

### **3 O DISCURSO DE PAULO FREIRE: O LUGAR DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS**

Em “A importância do ato de ler”, Paulo Freire defende que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2008, p. 11), o que parece ser sua tese de adesão. No entanto, à medida que o discurso prossegue, o orador mostra que sua tese não se limita apenas ao fato de a leitura do mundo vir antes da leitura da palavra, pois para que esta tenha importância, é preciso que aquela esteja presente e o leitor alcance, assim, a compreensão e a criticidade. Ler apenas a palavra sem ter o entendimento do mundo é decodificação, o que não confere valor à “importância do ato de ler”, a qual tem seu significado quando se lê a palavra de maneira politizada, crítica e consciente.

Para fundamentar sua tese, o autor utiliza-se do próprio exemplo e descreve como ele aprendeu a ler. Assim, o fato que justifica a regra – que é a própria tese de adesão – se concretiza pelo fato de ele, Paulo Freire, ter lido primeiro o “mundo” e depois ter aprendido a leitura da palavra e tê-la estendido para a compreensão do mundo unido à leitura das letras. Para que seu exemplo possa ser compreendido, ele leva o leitor à sua infância no Recife e mostra como a compreensão do mundo – a leitura do mundo – vem antes da aquisição da palavra escrita – a leitura da palavra.

Seu *ethos* prévio colabora para a adesão da tese e vários aspectos de seu *ethos* discursivo favorecem a aceitação daquilo que o educador defende. Para compreender melhor os argumentos já apresentados, serão destacados alguns fragmentos do discurso de Freire, para que possam ser relacionados à teoria e prática na argumentação do texto proposto para este estudo. Paulo Freire explica sobre a importância do ato de ler compartilhando sua experiência no exercício de escrever e ler o discurso a que dá início:

Este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 2008, p. 11).

O orador esclarece quais serão os exemplos que utilizará e como pensou sobre aquilo que no momento expõe, afirmando ser esta uma releitura. Segundo ele, o exercício de escrever sobre a importância do ato de ler o faz reler momentos fundamentais de sua prática, “guardados na memória, desde as experiências mais remotas” de sua infância, adolescência e mocidade (FREIRE, 2008, p. 11).

Dando sequência à sua argumentação, Paulo Freire explica como a sua vivência no contexto da infância favoreceu a compreensão do mundo dos adultos, mesmo que involuntariamente:

Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar (FREIRE, 2008, p. 13-4).

Ao contar os detalhes de sua vida quando criança, o orador Paulo Freire cita exemplos de como é possível aprender a ler os sentidos e os fatos antes de ler os signos linguísticos. A “linguagem dos mais velhos” representa a leitura da palavra dita e a compreensão da linguagem do mundo que é anterior ao processo de escolarização da criança Paulo Freire. Este mostra ter a compreensão da linguagem representada pela experiência dos mais velhos, ou seja, o garoto Paulo Freire não lia a palavra escrita, mas lia a linguagem do mundo.

Notamos também que algumas palavras no discurso de Freire aproximam os ouvintes/leitores e mostram a humildade do orador, acrescentando os méritos ao *ethos*, ou seja, à imagem do proponente, como é possível identificar com o uso do verbo permitir: “permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (FREIRE, 2008, p. 14).

Paulo Freire aponta os exemplos e mostra, durante o discurso, uma autorreflexão sobre como se deu o ato de ler em sua vida. Tomando distância dos fatos ocorridos, ele repensa sobre o seu processo de aquisição da leitura. Isso lhe confere credibilidade, pois está compartilhando suas memórias com o auditório, que compreende um grupo interessado em conhecer aspectos referentes à leitura – tema do congresso de que participam.

Os “exemplos” do discurso apontados para a análise a que nos propomos mostram uma regra e uma conclusão, fundamentando a tese. Assim, o orador apresenta, por meio de suas experiências, ocorridas na infância, adolescência e mocidade, situações que servem como argumento para fundamentar sua tese sobre a leitura do mundo, da palavra e, a partir dessa sequência, a importância em unir a leitura do mundo à da palavra.

Dando início à análise sobre os argumentos categorizados como “exemplo”, vejamos o seguinte trecho que diz respeito à percepção do mundo ao qual o orador pertence: “Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da palavramundo” (FREIRE, 2008, p. 12, grifos do autor). Para fundamentar esta regra – a de que a leitura do mundo, relacionada ao contexto do sujeito, vem antes da leitura palavra aprendida na escola – o orador remete à sua infância, quando ele ainda não lia as palavras escritas e brincava em sua casa em volta das árvores, procurando galhos “mais dóceis” para se arriscar. Paulo Freire diz: “eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores”. Este exemplo mostra que a experimentação de coisas simples prepara para coisas mais complexas e, por isso, a leitura do mundo antecipa a da palavra. Ao prosseguir o discurso, o orador aponta a seguinte conclusão sobre isso: “Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras”. Compreender a realidade e reconhecer suas dificuldades propiciará a maturidade para entender outras situações mais abstratas, como muitas vezes é a leitura da palavra na escola, que, infelizmente, nem sempre conta com a leitura do mundo (FREIRE, 2008, p. 12).

Um exemplo bem fundamentado e explicado pelo orador é o que faz referência à significação, o qual se divide em três momentos, todos relacionados a fim de que o público possa compreender e assimilar a ideia que se quer transmitir sobre o fato usado como argumento, como veremos a seguir:

1º: Os “textos”, as “palavras”, as “letras”. daquele contexto (...) se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

2º: Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olho-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia...

3º: Os “textos”, as “palavras”, as “letras”, daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto (FREIRE, 2008, p. 12-13, grifos do autor).

As três citações sempre se iniciam com a mesma enumeração, cuja ordem está relacionada ao inverso do que se aprendia e ainda se aprende em alguns métodos de alfabetização mais tradicionais. Na escola do contexto em que fala o orador, a alfabetização se dava pela ordem: letra, palavra e texto. Isso representa uma aprendizagem fragmentada e baseada na decodificação. Para o orador, a significação do mundo se dá pelo texto, e depois se entendem as palavras e as letras. O texto de que ele fala é entendido pelas relações com a família, pelos sinais, sons e pelo cheiro da natureza, ou seja, pelos sentidos que o sujeito vai explorando, pela interação entre as pessoas: tudo isso faz com que se entenda o significado do mundo.

Perelman (2005) comenta que a interação entre os exemplos acontece quando “a menção de um novo exemplo modifica o significado dos exemplos já conhecidos” e que “ela permite especificar o ponto de vista sob o qual os fatos

anteriores deveriam ser considerados” (PERELMAN, 2005, p. 404). Os exemplos utilizados pelo orador se relacionam e conduzem à compreensão da seguinte conclusão: “Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar”<sup>9</sup> (FREIRE, 2008, p. 13). Conclusão que faz referência à observação de ações feitas pelos mais velhos e de etapas do desenvolvimento de frutos, no caso, da manga, para depois poder saboreá-la. “Amolegar” é uma ação muito simples, mas entender o porquê e o momento adequado de fazê-lo corresponde a uma série de significados – textos – para o menino Paulo Freire, ou seja, o simples ato de amolegar – palavra – está relacionado a uma significação que compreende uma série de percepções.

Outro exemplo utilizado pelo orador é sobre o medo daquilo que não se conhece e da experiência que é adquirida com a superação dele. Esse exemplo se refere ao medo do escuro e ao mistério que a falta de luz significava para o orador na sua infância. Tal mistério pode ser comparado com o processo em que se desenvolve o ato de ler:

Eu costumava acompanhar, do portão de minha casa, de longe, a figura magra do “acendedor de lampiões” de minha rua, que vinha vindo, andar ritmado, vara iluminadora ao ombro, de lampião a lampião, dando luz à rua. (...). Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido no meu próprio medo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semiclaresada viesse chegando, trazendo com ela o canto dos passarinhos “manhedores” (FREIRE, 2008, p. 14, grifos do autor).

O exemplo sobre o medo da noite que o menino Paulo sentia e que também lhe oferecia uma expectativa para o amanhecer, o qual lhe poderia proporcionar várias descobertas no outro dia, exemplifica o mundo a ser descoberto pela leitura, que proporciona o descobrimento de tantas e tantas coisas, antes desconhecidas e misteriosas, como o próprio orador explica:

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites (FREIRE, 2008, p. 14).

---

<sup>9</sup> Amolegar se refere ao ato de amolecer um fruto, torná-lo mole para saboreá-lo.

A conclusão a que o orador chega é de que: “Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (FREIRE, 2008, p. 14, grifos do autor). Nota-se que os exemplos escolhidos até este momento do discurso explicam a percepção e a significação do mundo, favorecendo a compreensão deste último exemplo.

De acordo com os exemplos apresentados até este momento do discurso, o que orador conclui a respeito de sua tese inicial é que “A decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular”. A consequência das releituras de suas experiências voltadas à percepção, significação e compreensão do mundo o leva à seguinte consideração: “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais” (FREIRE, 2008, p. 15). Isso sugere que Paulo Freire foi alfabetizado de acordo com a sua vivência de mundo, à medida que ele percebia e entendia o que estava acontecendo à sua volta.

O discurso de Paulo Freire é enriquecido também com argumentos por ilustração como a que está presente no trecho em que ele cita como foram os momentos do retorno ao lugar onde passou a infância: “Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler” (FREIRE, 2008, p.16). A citação ilustra a experiência de lembrar como foi o passado e prossegue no discurso: “Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa ou de bem comportada, saindo do chão, das árvores, da casa, me envolveu cuidadosamente” (FREIRE, 2008, p. 16). O fato de trazer ao presente uma lembrança da infância somada à sensibilização daquilo que lhe é saudoso apresenta um recurso de presença, como já foi comentado sobre as considerações de Abreu (2009) e Rodríguez (2005). Esse recurso possibilita que os argumentos do orador, por meio da persuasão, se façam presentes na mente do auditório e favoreçam a compreensão da tese.

A ilustração também está presente no trecho em que o orador usa a palavra “tijolo” para esclarecer sobre em que consiste a importância do ato de ler:

A palavra tijolo, por exemplo, se inseriria numa representação pictórica, a de um grupo de pedreiros, por exemplo, construindo uma casa. Mas, antes da devolução, em forma escrita, da palavra oral dos grupos populares, a eles, para o processo de sua apreensão e não de sua memorização mecânica costumávamos desafiar os alfabetizados com um conjunto de situações codificadas de cuja decodificação ou “leitura” resultava a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra (FREIRE, 2008, p. 20-1).

Na ilustração anterior, o autor comenta o suposto significado da palavra “tijolo” para os trabalhadores, antes mesmo de ser lida e decodificada, depois ele acrescenta como a significação dessa palavra escrita e lida pode oferecer a percepção e a criticidade sobre o que ela representa – o trabalho (dos pedreiros).

Entendemos, a partir da ilustração sobre a palavra “tijolo”, a presença da nomeação para o grupo de pedreiros: o tijolo, supostamente, é mais que um objeto de construção civil: ele compreende um instrumento de trabalho e transformação para esses trabalhadores, que o veem como parte de uma mudança. Tanto o tijolo muda a estrutura de um lugar, como transforma o pedreiro em agente desse processo de modificação.

Paulo Freire, apoiado na ilustração anterior, retoma sua tese de adesão e a amplia: “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 2008, p. 20, grifos do autor). A tese de adesão ampliada nos remete ao que o sociólogo francês e estudioso da linguística, Pierre Bourdieu (2008), comenta sobre o que ele chama de “nomeação”, a qual, segundo ele, precisa de maior atenção da ciência social:

ao estruturar a percepção que os agentes sociais têm do mundo social, a nomeação contribui para constituir a estrutura desse mundo, de uma maneira tanto mais profunda quanto mais amplamente reconhecida” (BOURDIEU, 2008, p. 81).

A “nomeação” compreende o fato social em que grupos diversos podem ter referências diferentes sobre nomes/palavras, de acordo com as suas características e vivências. Assim, a nomeação está presente no processo de compreensão dos sentidos de uma palavra por uma classe em virtude dos determinantes sociolinguísticos. Além disso, a nomeação também é uma forma de esses grupos terem autonomia linguística, pois os nomes são usados e entendidos como consequência da cumplicidade entre seus membros e como identificação em relação a outros grupos.

Nota-se que o uso de ilustrações vai orientando o leitor à compreensão de que a sabedoria vivenciada nas experiências rotineiras está ligada à construção da leitura do mundo. Assim, o discurso, por meio das ilustrações apresentadas pelo orador, favorece o entendimento da tese, à medida que os argumentos vão se relacionando uns com os outros.

As ilustrações relatadas durante o discurso de Paulo Freire podem ser relacionadas pelo leitor com os demais argumentos da tese, o que possibilita a compreensão do discurso, que se torna cada vez mais claro e sensibilizador, considerando que as ilustrações são argumentos que intensificam o *pathos*.

Quanto à sugestão de modelos, Paulo Freire também os oferece em seu discurso: o de sua primeira professora e o do seu professor de português no ginásio. Segundo o orador, quando ele chegou à escola particular de Eunice Vasconcelos já estava alfabetizado e a professora “continuou e aprofundou o trabalho” de seus pais. “Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a ‘leitura’ do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da ‘palavramundo’” (FREIRE, 2008, p.15, grifos do autor). Para o orador, o modelo da professora merece ser seguido, pois ela agiu de acordo com aquilo que defendeu até o momento: unir palavra e mundo, considerando a realidade do educando sem romper com a relação entre a escrita e o conhecimento adquirido antes da escolarização.

Quando se refere ao seu professor de português, o orador relata a contribuição de suas aulas: “como aluno do chamado curso ginasial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de língua portuguesa” (FREIRE, 2008, p.16). Dando ênfase à metodologia do professor e das atividades propostas por ele, Paulo Freire prossegue descrevendo sobre as aulas de português, enaltecendo o professor e sugerindo um modelo a ser seguido:

Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta da existência de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada”, em vez de realmente **lida**. Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura, incluindo a do então jovem professor José Pessoa (FREIRE, 2008, p., grifos do autor).

Os modelos presentes nesse discurso parecem ter sido seguidos por Paulo Freire, pois, ao citar como eram aplicadas suas aulas de língua portuguesa, mostra aspectos condizentes com as aulas da professora Eunice Vasconcelos e do professor José Pessoa:

Como professor também de português, nos meus vinte anos, vivi intensamente a importância do ato de ler e de escrever, no fundo indicotomizáveis, com alunos das primeiras séries do então chamado curso ginasial. A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes (FREIRE, 2008, p. 16-7).

Dando continuidade à explicação sobre suas aulas, Paulo Freire descreve a maneira como seus alunos reagem quanto à sua metodologia, tão envolvidos quanto o aluno que foi nas aulas de José Pessoa:

Tudo isso, pelo contrário, era proposta à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo dos textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a ser desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse (FREIRE, 2008, p. 16-7).

O orador, ao contar como seus alunos aprendiam, aponta que algumas metodologias não cumprem com sua função escolar de favorecer a construção do conhecimento no sujeito, ou seja, estas devem ser vistas como “antimodelo”:

Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a ser muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras “lições de leitura” no sentido mais tradicional desta expressão, a que se achavam submetidos em nome de sua formação científica e de que deviam prestar contas através do famoso controle de leitura. (FREIRE, 2008, p. 17, grifos do autor).

Paulo Freire ainda esclarece ao leitor sobre a escolha de usar o seu próprio exemplo na defesa de sua tese, mostrando respeito pelo seu público ao esclarecer o motivo de seus argumentos: “É como se eu estivesse fazendo uma ‘arqueologia’ de minha compreensão do complexo ato de ler, ao longo de minha experiência existencial” (FREIRE, 2008, p. 18-19).

O orador Paulo Freire constrói o seu discurso usando sua experiência sobre a aquisição da leitura e vai além da tese “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A ampliação da tese é fundamentada pelos exemplos, fortalecida pelas ilustrações e enriquecida moralmente pelos modelos apresentados. Todos esses argumentos apontam a importância do ato de ler além das palavras, acrescentando a elas a significação que têm no mundo, na vida do sujeito e na construção da leitura crítica e politizada. Seu discurso mostra que, depois da leitura da palavra precedida da leitura do mundo, há uma reconstrução de conceitos sobre a mesma palavra, agora cheia de sentidos e inserida na cidadania do sujeito.

A retórica de Paulo Freire neste discurso é desenvolvida com o uso equilibrado e coeso de “exemplos”, “ilustrações” e “modelos”. Pode-se considerar que o exemplo do processo de aquisição de leitura do menino Paulo Freire generaliza o processo de alfabetização das crianças; o exemplo do acendedor de lampiões e o medo do escuro remetem, respectivamente, ao mistério que pode ser descoberto pela leitura e a escuridão que um mundo ausente do ato de ler proporciona ao analfabeto.

As ilustrações tocam e aproximam o público a que se propõe a adesão da tese, como é o caso das lembranças presentes na memória de Paulo Freire quando visita o lugar onde passou a infância, além da ilustração usada para esclarecer sobre a leitura e releitura da palavra tijolo para um suposto grupo de construtores.

Pode-se entender, por meio desta análise, que tanto modelo como antimodelo servem de argumento numa tese: o modelo reforça tanto a tese de adesão quanto à imagem positiva do enunciador, pois os modelos propostos foram seguidos pelo professor Paulo Freire. O antimodelo, em contrapartida, mostra-se como argumento para não ser seguido, pois os professores citados como antimodelos pelo enunciador não são considerados por ele como bons educadores, afinal, não favorecem o processo de compreensão leitora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos argumentos apresentados pelo orador, é possível identificar o *logos* de seu discurso, pois a argumentação confere a autenticidade da tese, mas não se deve esquecer que o *ethos* de Paulo Freire possibilita uma argumentação didática e agradável, o que faz compreender a lógica de seus argumentos, reforçando o que Eggs (2005) afirma: “O lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas entre várias possibilidades linguísticas e estilísticas” (EGGS, 2005, p. 31).

Em relação ao *pathos*, entendemos que ele está muito presente neste discurso no uso das ilustrações, que conferem sensibilização à tese de adesão por meio da emoção daqueles que as entendem.

Foi possível entender que o exemplo apresentado fundamenta a tese de Paulo Freire, mostrando o *logos* presente no fato de que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra. As ilustrações fortalecem a tese do orador, pois, ao estarem relacionadas ao *pathos*, atingem os leitores pela emoção e pela característica figurativa que possuem. Já o uso do argumento pelo modelo e pelo antimodelo sugere uma imitação a respeito da *práxis* docente, que leva

a uma postura ética e moral. A sugestão a respeito da maneira de ensinar e aprender pode evidenciar o *ethos* presente na tese, pois tais argumentos sugerem que o orador representa alguém ético, que mostra uma autorreflexão sobre sua prática docente.

Sem dúvida, Paulo Freire soube muito bem escolher as possibilidades linguísticas e estilísticas para que seu discurso fosse aceito, não apenas pelos que o ouviram no dia em que foi proferido, mas também pelos seus leitores de hoje, depois de mais de três décadas da publicação de sua obra.

O *ethos* prévio de Paulo Freire favoreceu a construção de seu *ethos* discursivo e a aceitação de seu método de ensino. Hoje, Paulo Freire é considerado um dos maiores educadores no mundo, cujo trabalho influencia vários profissionais da educação.

A análise retórica feita neste artigo possibilitou a melhor compreensão sobre a referência que Paulo Freire representa na educação, pois sua experiência de vida reforça seu discurso e o trabalho defendido nele. Afinal, sua tese compreende a vivência de sua docência e sua solidariedade para com os menos favorecidos na sociedade.

### Abstract

This paper discusses the rhetoric of Paulo Freire in the text "The importance of the act of reading". It identifies and analyzes, from the rhetoric perspective, argumentative strategies constitutive of this (persuasive) speech, which can favor the acceptance of the defended thesis, especially the argumentation by "examples", "illustrations" and "models". The hypothesis is that they value, in the same order, the *logos*, *pathos* and *ethos*, that, respectively, but not exclusively, foster the thesis in question and sensitize in favor of its acceptance and, also, contribute to the orator's credibility. The rhetorical analysis thus developed shows that, predominantly, the speech of Paulo Freire is built by articulating these argumentative strategies, closely linked to the social and historical role of the orator and the circumstances in which such discourse is disclosed.

**Keywords:** Rhetoric, Examples, Illustrations, Models.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 13ª edição. Cotia: Atelie Editorial, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: O que Falar Quer Dizer. 2ª ed., 1ª reimpr. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

EGGS, Ekkehard. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna in AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do Ethos. São Paulo. Contexto: 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: O minidicionário da língua portuguesa. 7ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HADDAD, Galit. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo. Contexto: 2005.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRIORE, Mary del. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. **Argumentação jurídica**: técnicas de persuasão e lógica informal. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, Ana Inês (org.). **Paulo Freire**: Vida e Obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001.